

TORREÃO ORIENTAL DE PETERHOFF.

TORREÕES DE PETERHOFF.

A residência imperial mais estimada do czar reinante, Alexandre II, é Peterhoff, que como indica o nome deve sua origem a Pedro o grande. O castello ou palacio velho, edificado pelo fundador de S. Petersbourg, forma o centro do actual.

Todos os imperadores e imperatrizes successivamente o tem augmentado, restabelecido, aformoseado; a sua architectura, talvez por isso, não tem um caracter distinctivo, e tanta comparação pode ter com Versailles como a sé de Kazan com S. Pedro de Roma. Ainda que do ponto culminante que occupa se descobre uma vista extensa e de muito movimento no golpho que formam o mar e o Neva, a sua fachada principal é voltada para o lado da terra firme; porém, os jardins descem até á beiramar em terrados, que adornam fontes e cascatas.

Notam-se os carvalhos e tilias que foram plantados pelo proprio Pedro Grande. O palacio não é grande, porquanto não poderia alojar commodamente toda a familia imperial, que é hoje mui numerosa e ramificada.

Construíram-se successivamente a pouca distancia o denominado pavilhão de Mon Plaisir, outro pequeno palacio de Marly, muitas casas á rustica, uma á ingleza, e n'este gosto a *cottage* de que o imperador Nicolau havia feito presente á imperatriz. Quando este fazia annos, a 13 de julho do nosso computo, era para ver o espectáculo que apresentava Peterhoff; a cõrte dava ali uma festa grandiosa aos quinhentos mil habitantes de S. Petersbourg: pode ver-se a descripção, sobretudo das estupendas illuminações dos jardins e canal, nas memorias das Viagens do Marquez de Custine, o qual diz que a situa-

ção de Peterhoff é o mais formoso painel natural que viu na Russia. Sobre a ribanceira fragosa, pouco alta e sobranceira ao mar e que começa na extremidade do parque obra de um terço de legua abaixo do palacio, está edificado este quasi á borda d'essa riba quasi talhada a pique pela natureza.

Fizeram-se magnificas rampas; e desce-se de socalco em socalco até ao parque, onde se encontram mattas excellentes pelas sombras bastas e pela extensão, com variedade de repuchos e quedas d'agua artificiaes, e alturas dispostas de proposito para se avistar o mar, as costas da Finlandia, e o arsenal da marinha russa, a ilha de Cronstadt com suas muralhas de granito á flor d'agua, assim como ao longe e nove leguas para a direita se descobre Petersbourg, a cidade toda branca, que d'esta distancia parece alegre e brilhante.

«Quando penso (escreve o A. citado) em todos os obstaculos que o homem aqui tem vencido para viver n'estas paragens em sociedade, para edificar uma cidade e alojamentos para mais de um monarcha no que eram antros de lobos e ursos, como diziam á imperatriz Catharina, e para manter a magnificencia conveniente á vaidade de grandes principes e de grandes povos, sinto-me tentado a bradar milagre ao ver uma alface, uma rosa. Se Petersbourg é uma Laponia sarapintada de obras que arremedam as artes, Peterhoff é o palacio de Armida debaixo de vidraças. Não me capacito que ando ao ar livre quando vejo tantas coisas pomposas, delicadas, esplendidas, e me lembro que d'aqui alguns graus mais além o anno se divide em dois dias e dois crepusculos de tres mezes cada um; é sobretudo o que eu não posso deixar de admirar a todo o momento!»

M.

NOVEMBRO, 29, 1856.

C. M. L.

DE LISIA

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

Continuação.

VI

O MARIDO DA VIUVA.

O primeiro esposo da que fôra mulher do senhor rei D. Fernando estava diante d'ella.

No rosto pallido e macilento do velho lia-se, a travéz da sua altivez, toda a profundidade de uma viuva dôr.

Um silencio momentaneo reinava unico senhor no salão em que se jogava o destino de Portugal.

O velho avançou com passo firme, e que parecia tranquillo.

D. Leonor, aterrada e confusa, pois de ha muito não via o aspecto do homem que santamente a estremera, e que por ella daria a vida, que por sua ambição fizera tão desditoso; de frente curvada sobre o peito e apertando as mãos uma na outra, repetia ainda:

— João Lourenço da Cunha!

— Sou eu mesmo, começou elle pausadamente, e commovido até ao fundo d'alma, rainha de Portugal; sou esse homem que foi arremessado por ti ao tremedal de todas as infamias, ante o qual se teem fechado as portas do teu palacio real. Hoje, porém, chamaste os bravos cavalleiros, e não te lembraste de excluir aquelle de quem houveste o nome. Era forçoso encararmo-nos face a face, rogar-te que tivesses para com este povo a piedade que me negaste a mim.

Nunca o animo do velho vergara ante as desditas profundas com que o Senhor quiz experimentar o seu apego á religião; nunca tremeu esgotando o calis de fel que sua esposa lhe pozera aos labios, não soube chorar nem pedir, soffreu e calou; hoje porém tudó mudara; não era o velho que pedia ventura, humilhando-se: era o portuguez que pedia a ventura do seu paiz, exaltando-se.

— Eis a boa flor da cavallaria, proseguiu elle; é perante ella que eu heide erguer a minha voz.

O tremor que abatera o animo da mulher perjura a todos os juramentos, não podia durar por muito tempo; e a vibora que fôra pisada erguia de novo a frente infiltrada de nova peçonha.

— Não, não! exclamou ella, não sois João Lourenço... eu punirei tão grande arrojô.

— Dizeis bem, Leonor, exclamou elle quasi em lagrimas, que debalde pretendia occultar no amargo d'um sorriso; dizeis bem! Tu já não podes conhecer-me; o homem votado ao desamparo e á deshonra, atirado á irrisão publica, a victimta do seu amor por ti, não podes conhecê-la não, não!

E João Lourenço, energico por toda a raiva do ciúme, por todo o rancor que lhe acendera n'alma o despreso a que o votara a que fôra sua esposa, e que um capricho real lhe tirara dos braços, bradava enfurecido pelo odio e pelos zelos:

— A minha voz, outr'ora poderosa e forte, é um ecco de remorso que sae da sepultura. O fogo que se me acendia no olhar, apagou-o o gelo da indiferença da mulher que amei, pelo frio do sepulchro que já me arrefece o coração; e esta frente que outr'ora resplandecia vida e força, hoje, pallida e rugosa, é como o espectro da morte, como um estan-

darte sepulchral, que a mão de Deus arvora n'este momento no teu palacio, que rescende alegria, por entre os funereos mantos do luto do rei meu rival; e este coração que palpitou d'amor e d'esperança, pulsa agora terrivelmente ameaçador de raiva, de vingança e de ciúme. Oh! não, não; tu não podes conhecer-me.

E apoiando nas mãos a fronte abrasada, sentiam-se os soluços que soltava o pobre do velho, e as lagrimas banhavam-lhe os dedos, e o coração triumphava da coragem. Elle ainda amava.

— Conde, conde d'Ourem, bradou a implacavel Leonor Telles; mandae prender este homem. Tanto atrevimento não pode ficar impune, a dignidade de throno o exige.

E olhava todos os cavalleiros, como certificando-se se poderia cumprir o seu negro projecto.

— Cavalleiro, disse a viuva de D. Fernando ao seu primeiro esposo, a masmorra é o tumulo dos vassallos rebeldes.

— Oh! cala-te, cala-te, Leonor!

E o desgraçado, que chorara ha um instante, cobrava nova alma, e nova força na desdita.

— Manda, proseguiu D. João da Cunha, manda encarcerar-me. Já conheces o homem despreso para continuar a esmagar-lhe o peito. Manda lançar-me cadêas, enterrar-me em vida, prende o pae do teu filho, que nem assim deixarás d'estremecer aos brados da minha vingança.

Leonor, lembrada de que entre ella e João Lourenço havia mais que os laços formados pelos homens, um laço formado pela vontade de Deus — um filho, Leonor tremeu a seu pesar; todavia a rainha estremecia em face de tantos inimigos, era forçoso lutar, ou confessar-se logo vencida; além d'isso a lembrança d'esse filho que ella deixara quasi no berço, que sempre vivera, segundo julgava a esposa infiel, ao lado de seu pae, não podia mais do que aborrecel-a; Leonor expelliu esta lembrança que só podia contristal-a.

— Atravez d'espessas muralhas, bradava João Lourenço da Cunha, hade vir a minha sombra collocar-se diante de ti; encerrado no jarigo hade a minha voz escoar-se pelas físgas do sepulchro, e vir bradar-te aos ouvidos para ralar-te a vida. No carcere, no patibulo, ou ainda mesmo na sepultura, heide bradar: «maldição sobre ti; maldição sobre a mulher que despedaçou as cadêas mais santas e sagradas que prendem na terra; que desterrou do seu seio o filho da sua alma; que lhe gravou na frente o ferrete d'ignominia, dando-lhe por baptismo o adultério; que por ambição se esqueceu que era esposa e mãe. Rainha, rainha, a espada de Deus está sobre a tua cabeça!

João Lourenço voltou-se n'este momento para os cavalleiros, e bradou-lhe:

— A vós, senhor Mestre d'Aviz, a vós, nobres de Portugal, é que vos cumpre resgatar o velho depois de libertada a patria.

O olhar de D. Leonor correu rapido o salão, mas tremeu ouvindo a voz de D. João d'Aviz.

— Não, dizia o Mestre, não podemos consentir. D. Leonor, libertae João Lourenço.

— Todavia..., dizia ella desesperada, mas não se atrevendo a lutar; eu... fazer-lhe mercê!...

— Oh! nem eu a quero. Exclamou o marido despreso.

— Meu Deus, meu Deus! balbuciou a rainha.

— Deixae, dizia João Lourenço aos cavalleiros portuguezes, cumprir mais esta iniquidade para que

a taça das infâmias trasborde emfim. Senhor D. João, (e fallava ao Mestre d'Aviz) compre-vos votar ao esquecimento esta horda rebelde que se levanta no territorio portuguez.

Dirigindo-se depois ao conde d'Ourem, e sorrindo com intrivel despreso, continuou:

— Partamos: cumpri a justiça da magnanima regente.

E avançando alguns passos para ella, proseguia:

— Tu mandas, rainha de Portugal, que se derrame o sangue de honrados portuguezes nas ribas da terra natal; bem, antes de te deixar, quero offerecer-te uma derradeira dadiwa.

E apartando um pouco o seu jubão, tirava de dentro d'elle um bonet de veludo em que, por um escarneo vergonhoso, João Lourenço fizera prender uns chifres d'ouro, desde o momento em que se consummára o adultério por que D. Leonor conquistou o throno portuguez.

— Vêde, bradava elle, rindo desesperado; vêde-o todos, cavalleiros, eis o symbolo da infâmia!

E como a rainha, rubra pelo pejo que não pudera vencer, occultava o rosto entre as mãos, o braço de João Lourenço lhe destapou a fronte, bradando:

— Eis, encara-o bem, mulher, é o emblema do adultério; calca-o debaixo dos teus pés. Assassina-me, mas êre que não podes matar a posteridade que hade bradar sempre no futuro: — maldição á mulher adúltera!

D. Leonor tremeu, vergou, caiu de joelhos. João Lourenço partiu entre os soldados que o esperavam na passagem, e ao lado do conde d'Ourem.

Pouco depois estava deserta a sala da reunião.

VII

NOVO AMOR PERFDIA NOVA.

Parece que o presente, pelo seu constante anhelar para as profundidades do futuro, chega mil vezes a antever; ou parece então, por mil pontos que se despresaram outr'ora, que deveriamos nós conhecer o que o porvir nos mostra em nome do que fôra já presente.

Os sumptuosos passos do senhor rei de Portugal, habitação de monarchas como eram, sonhavam já a sua terrivel missão de encarcerar, e tinham como prognóstico, para as bandas inferiores, carceres pequenos e fechados, como se, parte fossem d'uma fortaleza amestrada em manietar os traidores ao rei ou ao paiz.

D. Leonor não podia deixar de fornecer o que faltava ao perfeito de taes casas, e os alabardeiros não eram escassos nunca aos seus frontaes.

No recanto mais resguardado existia a mais espaçosa, mas tambem a mais bem escondida e forte de todas as prisões.

Atravessar mil corredores escuros e tortuosos, de que mesmo na estação calmosa se achava como reliquia do inverno um ar frio e humido; escorregar pelo lagado limoso, vendo os candelabros pendentes a espaços, e a morrer por falta de ar e de vida, era como o signal de se achar na mais estimada prisão que adornava o palacio de sua real senhoria.

Fôz para ali que João Fernandes Andeiro levou o primeiro marido da rainha regente dos portuguezes.

Era um espaço de quatorze pés quadrados, as abobadas arqueadas fechavam no lagado, as portas mais de ferro do que de carvalho negavam a entrada a todos que se chegassem ali, e nada menos rija era a

porta pequena que parecia ter sido feita para amores clandestinos terem livre passagem, se taes amores podessem viver em tal recinto. Uma alampada de cobre pendia no meio da prisão, uma chaminé larga e encravada na parede dava algum calor ao aposento regelado; dois bancos pequenos juntos de uma mesa sem adornos completavam este quadro de abandono.

João Lourenço da Cunha, á voz de sua esposa, que se chamava a regente de Portugal, tinha sido encerrado ali, a sua alma partida entre o amor immenso que tivera a D. Leonor, e o ciume fatal que o dominava ainda, era presa de magoa mais tremenda.

A recordação dos momentos em que sonhara felicidade nas eras do futuro era-lhe agora de tormento e desdita, que só via negros os seus pensamentos doirados. Lembrava-se de como pensava findar a sua vida nos braços puros e amigos d'uma esposa adorada, como sonhara ver-se respeitado e amado pelo filho da sua alma e herdeiro do seu amor, e só via os sonhos do passado gyrarem-lhe em roda como espectros fataes, que o presente d'amargura sepultava em um momento.

Nem o mais ligeiro ruído interrompia o silencio na prisão; junto ao fogo e recostado sobre os braços parecia o cavalleiro estar longe da vida, e dos pensamentos do mundo, mas agitado pela dôr que lhe ia n'alma, começou elle encarando o passado em face do presente, e bafuciando no poder do infortunio.

— Como tudo mudou?! Ainda hontem o sol, o campo, a companhia dos homens, e um porvir de vingança! E caindo do sonho de tanta esperança, sobre um presente sem futuro, apertava uma na outra as suas mãos emmagrecidas.

« Hoje unicamente a noite e a solidão do tumulto, o descer e o abandono, e as cadêas que arrasto eccoando nas abobadas que tem escutado o suspirar de tantos martyres... e estas cadêas?...

E um pensamento mais doloroso ainda vinha enroscar-se-lhe n'alma.

« E estas cadêas foram-me lançadas por ella.... pela esposa da minha alma, por a mãe do meu filho... a raiva lutou e venceu o amor; oh! não, pela viuva do rei D. Fernando. E um curto silencio seguiu o suspirar apaixonado do infeliz cavalleiro. Mulher, que com o teu sorriso d'anjo me lançaste a alma ao demonio e me roubaste as crenças de Deus, queres dar-me ainda sobre a campa o calis da amargura?... É verdade!... E com os olhos fitos, erguia-se n'um brado de sentimento profundo, ainda mais hasde trocal-a ainda pelo esquecimento.... O esquecimento, o nada, e a duvida cruel das crenças do ceo, que vem amargar nos momentos em que a alma não pode com todo o peso da desdita que lhe quer dar o Senhor, vinha opprimir ainda João Lourenço. O nada, quando antevejo as portas do tumulto a fecharem-se já sobre mim ... e quando sei que não irá nunca uma voz amiga rezar por alma ao malaventurado!

E elle dobrando á magoa ajoelhava no solo; uma dôr profunda se lhe pintava sobre a fronte, erguia-se n'um instante interna esperança, lembrava-se de evocar a rainha da misericordia celeste, e bradava:

— Virgem, Virgem, tende piedade de mim!

Assim ficou absorvido em seus pensamentos, e por isso não sentiu os passos cadenciados que se ouviam já perto da porta pequena da prisão, e uma voz que dizia mansamente:

— Podes retirar-te, e no momento em que chegue

o senhor D. João d'Aviz que entre sem demora.

— Assim será. Disse outra voz que parecia responder respeitosamente á que primeiro se escutara.

— Tudo mais como te ordenei, proseguiu a que primeiro começou, mandarás para junto da porta do corredor os archeiros da minha guarda, e tu sempre de vigia aguarda cauteloso as minhas ordens.

— Cumprirei tudo como dizeis.

— Depois...

— Nada esqueceréi.

— A minha vingança?...

— Será completa.

— Mas...

— Vae-te...

A porta abriu-se vagarosamente, e D. Leonor entrou socegada, affavel e risonha como se um amor immenso a levara ali.

— João Lourenço da Cunha!

O cavalleiro ergueu-se apressado, e tremulo; aquella mulher acordava-lhe na alma tudo quanto existe de bello no sonhar d'um primeiro amor.

— Que voz é esta, meu Deus! bradou o cavalleiro. E a tudo que lhe dictara a paixão, seguiu de perto a lembrança dos tormentos que herdara do seu coração desleal.

— Que me queres tu? vae-te, vae-te.

A mulher, tranquilla e socegada, fallou como se fosse concluir a mais justa de todas as coisas do mundo, attendendo ao seu fim, e calando no coração o que havia de criminoso nos seus meios detestáveis.

— Venho estabelecer um pacto entre nós D. João, mas um pacto d'amor.

— Leonor, Leonor! bradou elle, vae-te, fuge.

— Separados de ha tanto, é justo que se destruam loucuras, e que se forme entre nós uma alliança... Mas parando como se quizesse reflectir no que devia dizer unicamente, e temendo dizer mais, proseguiu: — D'aqui conquistaremos uma eterna felicidade, se depois de me escutares, não poderes dar credito ás minhas palayras...

E D. Leonor, ajoelhando em frente de João Lourenço da Cunha, apresentava-lhe um punhal e proseguia:

— Podes matar-me depois.

D. João, erguido o ferro, alevantava-se brandindo-o:

— Oh! sim, sim!

No momento em que julgava poder ferir, viu que o seu coração ainda era presa de um amor apaixonado, a alma deu-lhe a saber que não podia erguer-se como rei de justiça ante a mulher rainha dos porquezos, e recuou aterrado.

— Não, não, desgraçado de mim que ainda a amo.

— João Lourenço?

O marido ultrajado, caindo sobre o banco da prisão, bradou como se despertasse d'um sonho:

— Que queres tu de mim?

— Escuta-me, disse a rainha, ouve-me, tu não podes riscar d'alma os pensamentos tão queridos de outro tempo... pois bem, essa carta fatal que está em poder do Mestre d'Aviz, essa carta que eu em um momento de loucura enviei ao conde d'Ourem, quando elle tinha passado á Inglaterra, essa carta que pode destruir toda a minha vida...

— E levar-te... quem sabe, ao castigo que destinavas ao innocente!

— Ouve-me sem me interromperes. Na minha alma acordou a voz de Deus sentimentos novos, mas essa carta nas mãos do Mestre, que é meu implacavel inimigo, pode fazer a minha perda infallivel,

e matar-te porque a tua vida e a tua morte pendem d'uma palavra minha. Se eu não tiver a força e o poder para que a faça valer em teu favor, a tua morte é inevitavel, e é necessario, eu quero que nós vivamos ambos.

E os braços de D. Leonor apertavam ao coração o que já fóra seu esposo e seu senhor, o que vivera de esperanças só por ella, como se fosse possivel abysmar as miserias do passado sem que deixasse um vestigio doloroso no animo do que tinha soffrido tanto, e a quem unicamente o ciume dava vida.

— O Mestre d'Aviz vae chegar em pouco, disse a mulher de João Lourenço, afastando-se, alcança-a; e tu ficas livre, e eu livre tambem; nós seremos venturosos.

— A ventura, a liberdade, a vida!?

E n'este momento o aspecto medonho da prisão em paralelo com o sol e o campo, uma vida d'exilio, e a vida de liberdade, trouxeram diante do esposo ultrajado tudo quanto lhe offertava sua esposa, occultando a dôr a honra que devia impor-lhe a coragem e o desprezo.

D. Leonor, astuta e destemida, conhecendo quanto podia ainda no animo do malaventurado, vendo que a liberdade se lhe desenhava na imaginação rica de futuro, proseguia amorosa:

— Oh! esquece, meu amigo, todo esse infeliz passado que já lá vae... eu amo-te, meu esposo, e nunca amei senão a ti; oh! mas derrubada essa ambição louca porque fui criminosa, eu sinto reviver tudo quanto Deus plantou de nobre na minha alma; amo-te agora mais do que nunca.

E João Lourenço, estreitado ao peito da esposa, perdia o pensamento do passado, não curava do futuro, o presente era bello.

— Vamos, proseguiu a viuva do rei, vamos gosar o paraizo de ha tanto finado para nós; vamos nos braços um do outro viver vida d'amor singela e pura.

— Será verdade? exclamou João Lourenço, como duvidando do que ouvia, não podendo crer tanta felicidade.

— Para isso, meu velho amigo, é força destruir aquella prova fatal que me condemna ao desprezo; essa tu mesmo a arrancarás ao homem que busca a minha perdição! Depois, largo é o mundo!... Esquecimento no passado, ventura e prazer no mundo dos homens, misericordia e perdão na mansão de Deus, e tudo nos teus braços, João Lourenço, nos teus braços.

D. João cedia ao poder magico da mulher que se alevantara rainha na sua alma, antes de se fazer rainha portugueza; accitava os seus abraços ferventes, mas desorientado, quasi louco, mal atinava em fallar.

— Mulher, mulher, que me enlouqueces!...

Depois a memoria veio, a nudez dos crimes do passado brilhou fatidica e tremenda, e elle proseguiu:

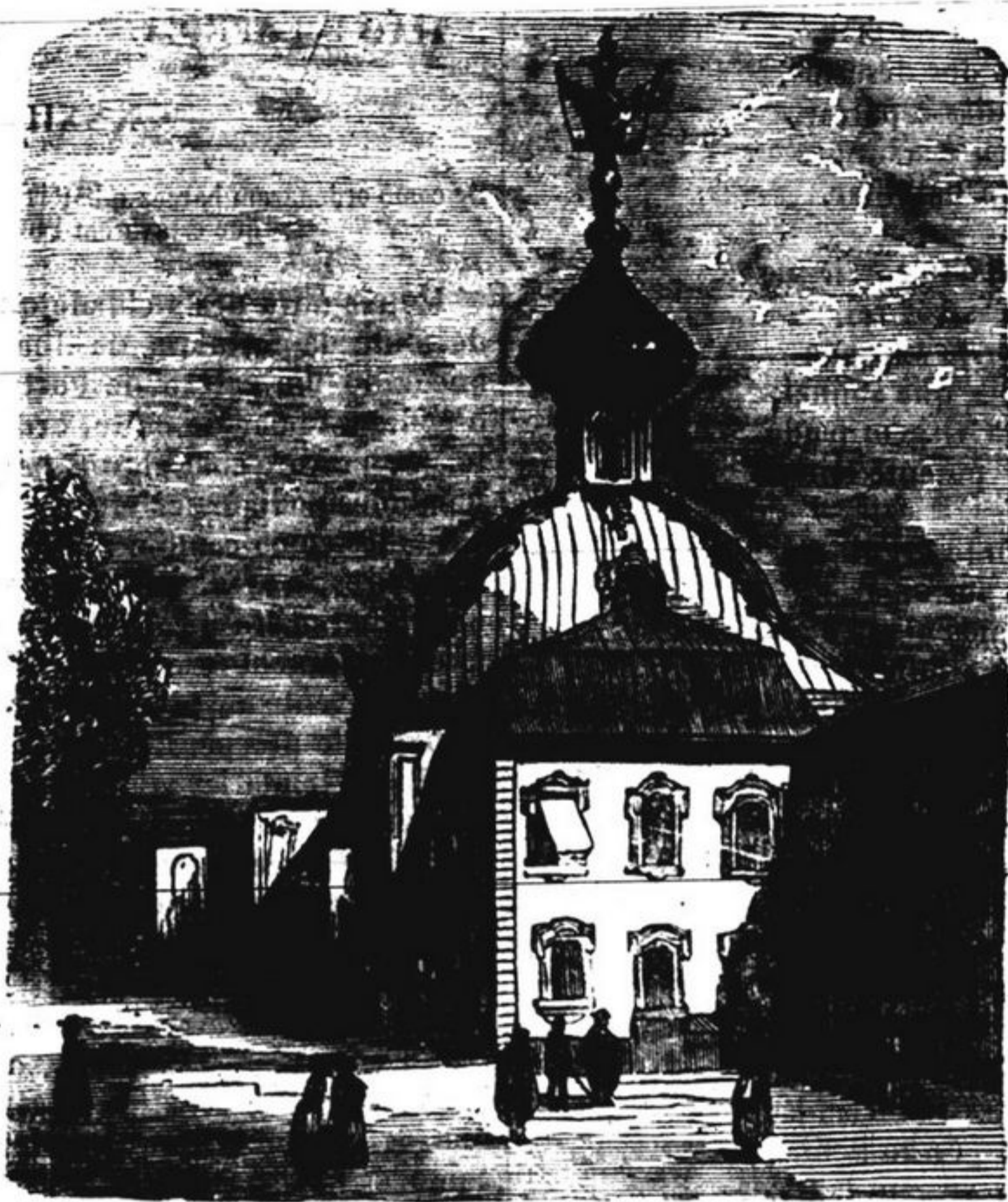
— Tu ainda és a mesma Leonor Telles. É a tua voz que me falla, e a vergonha do adulterio está ali de pé, sempre, implacavel, como um remorso, como um eterno vingador que me persegue. por eu não ter baptisado já no sangue infame os attentados porque me reserva o futuro uma lousa d'ignominia.

— Perdão, perdão!

A rainha fez-se mulher; quem a visse ali curvada, segurando as mãos do esposo, supplicando em pranto, teria dô talvez de tanta dôr.

— Não, nunca!

— Por piedade!



TORREÃO OCCIDENTAL DE PETERHOFF.

— É impossível.

— Por Deus, por Portugal, por mim, pelo meu amor!

— Não, não, juro!

E caiu, fraco e prostrado de forças, sobre um dos bancos da prisão.

O quadro mudou, o cordeiro ergueu-se lobo, o rosto que as lagrimas banharam, tornou-se fero e ameaçador. D. Leonor no momento de fallar em pé e altiva, nada se assimilava á penitente arrependida que pranteava ha pouco.

— Bem, tu não queres que eu represente por mais tempo esta hypocrisia vergonhosa, seja. D. Leonor Telles não treme diante dos perigos; a rainha de Portugal não estremece ante o caudilho do povo. Com a vida arrancar-lhe-hei esse thesouro em que fructifica tanta força! Se fizesse desabar em ruínas o meu poder, teria ao menos a ventura de sorvel-o na voragem comigo. Conquistarei um throno, João Lourenço; será no palacio real, no cemiterio ou na praça publica; chamar-se-ha tumulo, throno ou patibulo.

Era forte e energico o poder que nos transes da sua vida de agitação alevantava D. Leonor; era o symbolo da coragem em nome da ambição, e João da Cunha, que a escutara, que a estremecera, que se sentira arrebatado pelo seu amor santo pela patria, cheio da força que os seus affectos pareciam roubar-lhe, bradou altivo, impedindo a saida da rainha D. Leonor:

— Suspendei, rainha de Portugal! tu o disseste, terás um throno eterno na largura do futuro que te espera, deixarás um nome conhecido na posteridade! Que importa ser esposa infiel? O que vale votar aquelle de quem tomaras o nome á desesperação e á descrença? Que remorso pode pungir-te por lhe teres feito duvidar da Providencia e de Deus? Tu deixarás um nome conhecido na posteridade. Foste mãe desnaturada, arrojaste o teu filho ao mundo doloso, sósiinho e sem auxilio, foste de novo esposa ingrata, falsaria e adúltera, mas deixarás um nome conhecido na posteridade. És o flagello da patria, a oppressora dos portuguezes, brilhas como o astro da destruição de Portugal, mas deixarás um nome conhecido na posteridade; subirei á tua voz o cadafalso, a tua consciencia bradará — «Tu mataste um innocente, mataste o pae do teu filho!» e os seculos hão-de bradar — «condemnação á mulher infame!»

— Vergonha, vergonha!

D. Leonor quiz fugir, tapara o rosto com as mãos, corria á porta pequena da entrada, mas era impossivel sair então.

Topara em face com o seu mais implacavel inimigo!

Era o Mestre d'Aviz.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

A hypocrisia do vicio é vassalagem tributada á virtude.

P O R T I.

Fui altivo como a vaga
Rugindo altiva no mar,
Como o leão dos desertos,
Como as aguias a pairar,
Valente como Alexandre
Pela Persia a batalhar.

Mas sorri, vendo sorrir-me
O astro dos astros rei,
Julgando ver já verdade
Tantos sonhos que sonhei,
Nos olhos da virgem lendo
D'alto amor potente lei.

Curvei a fronte orgulhosa
Curvei-a só por amar,
Julguei ver nos olhos d'ella
Amor eterno a fallar!
Foi este sonho innocente
Sonhado sem repouso.

No mar vi rolar as ondas,
Senti crescer meu valor!
Ao ver seu rosto fageiro
Nasceu no peito uma flor,
E cresceu, medrou altiva
A linda rosa d'amor.

Li no mar — a immensidade
Rugindo aos pés do Senhor,
Nos olhos da virgem bella,
Da virgindade o pudor;
N'um e n'outra lí mais tarde
Deus eterno, eterno amor! —

Lindos olhos mais formosos,
Mais lindos, ninguem os tem!
De quanto é bello na terra
Inda a virgem passa além!
Ai! sorrir mais desdenhoso
Não sabe sorrir ninguem.

E se a linda virgem dera
Ao rei dos mundos amor;
Se a rosa da primavera
Lhe votara o seu frescor,
O rei dos mundos quizera,
Por ella os mundos depor.

Verguei fraco a tanto peso.
Tive só força de amar!
Não a amar vendo-a tão bella
Fôra de Deus renegar!
Dei-lhe a vida, e mais lhe dera
Se inda mais podera dar.

Novembro de 53.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

O tiro despedido pela inveja, deixa incolume o alvo, e fere o atirador.

A inveja soffre estrabismo; não pode olhar direita para os bens alheios.

Não ha doido nenhum tão doido, que se persuada que o é.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM
EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA,
DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBAS-
TIAO EM AFRICA.

XXXII

De como ordenaram barcos e bateis para irem tomar o galeão que estava em Ponta delgada.

Houve nova nesta cidade que em Ponta delgada, defronte da fortaleza da ilha de S. Miguel, estava ancorado um galeão de Portugal, e que facilmente o podiam tomar de noite, ordenaram com vinte bateis de pescar, com alguns barcos de suas velas, que por todos podiam ser vinte e cinco, e lhe metteram em todos como cento e vinte soldados portuguezes, rodeleiros, e arcabuzeiros, e alguns mosquetes, e o maior barco era a capitanea onde ia o capitão, o alferes, e sargento: e desta ilha á ilha de S. Miguel vão com vento norte e noroeste; e partiram com vento noroeste prospero. Como desta ilha á de S. Miguel, são trinta legoas, quando foi ao outro dia que amanheceu podiam estar da ilha cinco legoas, da banda do norte, porque á meia noite se lhe escaceou o vento, e se fez sudoeste, e foram vistos da ilha, e como era tempo claro contaram as 25 velas, que já estavam de terra como duas legoas, com tenção de pararem de dia a remos. Os da ilha não cuidaram que eram bateis senão naus, e depois contaram que houvera grande reboliço maginando que armada podia ser, porque cada vez a viam de mais perto, mas como os bateis eram fracos navios assoprou-lhes o vento tão esperto, que lhe conveio tornarem se para o porto da cidade de Angra, e já, bem agastados, e anojados, de não chegarem a ir fazer a empreza. D'ahi a poucos dias acertou de ir de uma das ilhas de baixo um barco para outra ilha, arribou, e com muito trabalho tomaram a ilha de S. Miguel. Perguntaram lhe lá se havia nesta ilha, ou nas outras noticia de uma armada de 25 velas que appareceram da banda do norte fazia poucos dias. Dizeram-lhe que aquella armada eram tudo bateis que iam com o fito de tomarem o galeão, que estava ali, por o haverem mister na Terceira, por causa da artilheria grossa que nelle havia. Houve disto notavel festa em uma ilha e outra, enganarem-se com 25 bateis, e metterem uma ilha, que tem vinte mil homens ou pouco menos, em agonia. Tanto que ouviram isto metteram o galeão mais dentro, e como é costa brava não o poderam metter tanto, que não estivesse perigoso de se poder tomar, porque a fortaleza não faz damno a vela alguma, segundo se tem por experiencia.

XXXIII

De como se levantaram d'este porto de Angra nove navios inglezes e francezes, para irem tomar o Galeão que estava em Ponta delgada.

Tendo determinado nesta cidade de tornarem a mandar os bateis outra vez ao effeito para que d'antes tinham ido, foram sabedores como já na ilha de S. Miguel tinham recado do barco das ilhas de baixo como arribaram os bateis, e o alvoroço que lhes deram, e que já estavam de aviso, e que dormiam todas as noites com homens n'elle, e que o tinham rebocado mais para dentro. Ouvindo isto os inglezes e francezes pediram que lhes dessem o casco do galeão, e que elles dariam a artilheria d'elle, e queriam ir tomar com suas naus, e que com o na-

vio queriam a todo o tempo servir o Snr. D. Antonio, e que dando-lhes qualquer navio o dariam. Accederam-lhes ao partido. Avisaram os inglezes e francezes nove naus, e com elles se metteram alguns portuguezes de terra, e partiram com vento norte d'este porto, e o mesmo vento fazia no de Ponta delgada. Em chegando as naus, e amanhecendo, aos Mosteiros, ouve grande revolta na ilha; e muito atemorizados das nove velas, não sabendo ao que iam, porque achando-me eu já na ilha de S. Miguel, a tres velas, que viram uma vez, grandes, toda a cidade estava revolta. E na Terceira inda que vejam cem velas, nem disentas, nenhum temor tem; e de vinte para baixo nenhum caso fazem, e a ilha de S. Miguel tem dous tantos de gente como ella, e duas vezes é a ilha maior que ella. De maneira afervorados com as nove velas, e todos os moradores postos em armas, foram as nove naus costeando a costa para abordarem o galeão, e como tudo havia levar ruina principio em uma ilha se quererem pôr em risco de tantos trabalhos, como veio a ter, e tem hoje em dia, nada lhe succedia bem. O galeão estava ancorado e as naus por mais que foram costeando a pedra não poderam tanto que só uma cobrou e afferrou o galeão, que era uma nau franceza onde ia o Capitão Clenis. As mais d'aquelle bordo ficaram muito desviadas, e para poderem cobrar, o vento as não deixaria; e a nau que afferrou parecia ao longo do galeão uma caravelinha; e a gente pela banda da terra vinha quanta queria, porque a nau ficava da outra banda. A fortaleza não atirava á nau, que estava abordada com o galeão, porque ao galeão fazia o damno. As que anjavam á vela, fazendo por chegarem, não lhes fazia nojo algum artilheria da fortaleza. Basta que só a nau pelejava ancorada com o galeão, que dizem era São Christovam, que só trez homens ficaram n'ella vivos, e a nau destrocada, e assim se apartou com muita gente morta, e muita que matou no galeão, homens da terra conhecidos e honrados, e o Capitão Clenis morreu, e como o viram morto se apartaram do galeão, e se vieram para esta Cidade todos.

XXXIV

Do que aconteceu depois de chegadas as nove velas ao porto com o Capitão Henrique, inglez.

Depois de ancoradas as naus se tirou o capitão Clenis, e com o costume ordenado entre capitães foi enterrado, e com grande sentimento do povo da cidade e ilha, e murmurando dos capitães inglezes, e dos mais, deixarem pelear uma nau só, que puderam os outros depois esperar conjunção. Davam elles suas desculpas, que ao parecer dos pilotos todos diziam, que não tinham culpa, porque alem do vento ser norte, que as aguas corriam para fóra. Mas a culpa que se lhes poz, foi porque não esperaram as outras naus conjunção. Depois vindo isto ás orelhas do capitão inglez tomou-se tanto e tomou por affronta o que se dizia, que amanheceu um escripto posto na praça, que todo aquelle que quizesse ir com elle a desafio, assim capitães inglezes, francezes, como portuguezes, que elle queria ir em camisa, porque estava affrontado do que se dizia. Não havia capitão que não lhe accitasse o desafio, mas como o capitão Henrique era mancebo, não entendia o que fazia, porque qualquer dos mais capitães o fariam em retalhos. Metteu-se n'isso o Governador Ciprião de Figueiredo, aquietou tudo, e porque era mancebo, e aparelhado a muitas desordens, e com todos

se tomava, e era pagem da rainha e seu privado, lhe escreveram de sua condição. D'ahi a pouco tempo o mandou ella ir, e ficaram os mais, que bem desnecessarios foram uns nem outros na ilha, que coisa alguma fizeram na ilha bõa senão desordens e motins na cidade, e brigas de continuo, de que sempre havia morte d'elles, e dos portuguezes da terra.

XXXV

Da vinda de Manuel da Silva a esta cidade e ilha.

Manuel da Silva veio a esta cidade e ilha por mandado do snr. D. Antonio, e seu loco-tenente, com o titulo de conde, em uma nau franceza em o mes de fevereiro do anno de 1582, ao qual se fez tanta festa na cidade e ilha, e mais ilhas, como se viera a pessoa do snr. D. Antonio, e em quanto se não aviaram aposentos para elle, e seus creados e pagens, foi recolhido no mosteiro de S. Francisco, onde esteve alguns dias, e logo no primeiro dia o foram visitar os officiaes da camara da ditta cidade, que eram juizes o capitão Braz Dias Rodvalho, e Baltazar Gonçalves de Antona, vereadores Bernardo de Tavora, Antonio Vaz, Christovam de Lemos, procurador da cidade João Glz., escrivão da camara Mathias Toledo. E no mesmo dia foram todos os fidalgos, e cidadãos, e governador, e officiaes de justiça, capitães, religiosos, dignidades, conegos; e os que o não foram ver, pessoas conhecidas, e do regimento da terra, logo o ditto Manuel da Silva o soube e os teve por homens de suspeita, e odioso contra elles. E ja neste tempo a cadeia estava cheia de muitos homens principaes da terra, e outros andavam ausentes, e escondidos. Ao segundo dia o vieram visitar as mais pessoas da ilha principaes, capitães, fidalgos, e das villas da Praya e S. Sebastião, e de suas quintas, vigarios, pregadores, letrados; e a todos elle dizia, que todos os que tivessem qualquer pensamento minimo contra o serviço do snr. D. Antonio, dizendo contra el-rei seu senhor, que não teria vida nem fazenda. E tudo fez como dice. Antes d'elle chegado tinham alguns mercadores carregado duas naus de pastel para irem vender a França ou Inglaterra, que era um Baltazar Frz., Francisco Alvares, Bartolomeu Frz. das Neves, Diogo Alves, e Domingos Martins. E quando queriam partir chegou o dito Manuel da Silva, e não podia ir pessoa alguma fora da terra sem licença, por estarem em guerra; e como Manuel da Silva era chegado, não quiz o governador Ciprião de Figueiredo dar-lhe licença: dice, que a fossem pedir ao Conde, e lhe discessem que eram mercadores. Indo elles lá ao mosteiro, aonde elle ainda estava, e que tinham seus pasteis carregados em duas naus, que os queriam ir vender a Inglaterra por não haver na ilha saída a elle, e que o tornariam a trazer empregados em roupas para esta ilha, que sua excellencia lhe desse licença; ao que elle respondeu que tinha por suspeitos ao serviço d'el-rei seu senhor os homens que em tal tempo se queriam ir tora da ilha; que el-rei que mandava gente estrangeira para ajudar a defendel-a, e que elles que se iam: que lhe não dava tal licença, antes que os pasteis que estavam carregados, se haviam mister para el-rei, porque todos lhe haviam emprestar, pois estava em tempo de se ajudar de seus vassallos; e que as naus iriam por sua conta, e que el-rei lhe pagaria; que era emprestimo que lhe faziam. Logo começou a governar desta maneira! Foram os pobres mercadores a chorar, e a alguns delles lhe não ficava coisa alguma. Vendo

alguns religiosos do mesmo convento a deshumanidade, lhe rogaram lhe não fizesse tal; pois lhe não dava licença para irem, lhe não tomasse suas fazendas, porque el-rei não havia de ser de tal servido, nem lhe era bem, porque o não ajudaria Deus em suas cousas, e que alguns dos mercadores tinham as casas cheias de filhos, e lhes não ficava cousa que lhes dessem a comer. De maneira que os rogos dos religiosos, estando elle ainda no mosteiro, lhe fez dar a cada um metade da fazenda, e lhe tomou a cada um sua ametade, e os deixou ir com o que lhes largou.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

- | | |
|--|---|
| <p>81 Passagem para se levarem os corpos mortos para a casa da anatomia.</p> <p>82 Casa da anatomia.</p> <p>83 Enfermaria de syphlis dos homens.</p> <p>84 Rouparia da dita.</p> <p>85 Escada que subia ás enfermarias geraes.</p> <p>86 Despejadoiro da enfermaria de syphlis.</p> <p>87 Passagem para a rouparia.</p> <p>88 Casa do porteiro.</p> <p>89 Casa dos mortos.</p> <p>90 Casa do alecrim e alfazema.</p> <p>91 Escada que subia ás enfermarias geraes.</p> <p>92 Sumidoiros.</p> <p>93 Casa da enfermaria dos doidos.</p> <p>94 Casa dos remedios.</p> <p>95 Casa dos doidos.</p> <p>96 Casa dos banhos.</p> <p>97 Rouparia dos ditos.</p> <p>98 Casa dos ajudantes dos doidos.</p> <p>99 Casa da lenha e agua para o banho dos doidos.</p> <p>100 Enfermaria dos convalescentes doidos.</p> <p>101 Sumidoiros da enfermaria dos feridos.</p> <p>102 Rouparia dos feridos.</p> <p>103 Passagem da enfermaria dos feridos para o hospicio dos religiosos Arrabidos.</p> <p>104 Casa de se hospedarem hospedes, e servindo para a passagem dos dormitorios.</p> <p>105 Dormitorios.</p> <p>106 Casa da livraria.</p> <p>107 Rouparia.</p> <p>108 Varandas.</p> <p>109 Escada descendo para o refeitório.</p> <p>110 Espulgatorio.</p> <p>111 Escada que ia á sachristia.</p> <p>112 Sumidoiros.</p> <p>113 Escada principal.</p> <p>114 Ante-côro.</p> <p>115 Côro.</p> <p>116 Igreja.</p> <p>117 Casa de recreio.</p> <p>118 Commodo dos padres agonisantes.</p> <p>119 Passagem para os agonisantes.</p> <p>120 Enfermarias de pessoas particulares.</p> <p>121 Casa de guardar os remedios.</p> <p>122 Casa do alecrim e alfazema.</p> <p>123 Rouparia dos particulares.</p> <p>124 Despejadoiro das ditas.</p> <p>125 Dormitorios dos enfermeiros.</p> | <p>126 Casa de um irmão maior.</p> <p>127 Escada principal dos enfermeiros.</p> <p>128 Escada particular dos enfermeiros descenderem ao refeitório e jardim.</p> <p>129 Transito da enfermaria dos particulares.</p> <p>130 Escada por onde se devia conduzir o comer para os particulares e convalescentes.</p> <p>131 Rouparia das mulheres particulares.</p> <p>132 Passagem para a dita rouparia.</p> <p>133 Enfermaria das mulheres particulares.</p> <p>134 Enfermaria de syphlis das mulheres.</p> <p>135 Rouparia das ditas.</p> <p>136 Passagem das enfermarias das mulheres.</p> <p>137 Casa dos taboleiros.</p> <p>138 Casa do alecrim.</p> <p>139 Casa de guardar os remedios.</p> <p>140 Passagem para a casa onde os medicos deviam fazer a receita depois da visita.</p> <p>141 Casa dita.</p> <p>142 Enfermarias dos feridos.</p> <p>143 Rouparia das ditas.</p> <p>144 Sumidoiros geraes das ditas.</p> <p>145 Passagem para as ditas.</p> <p>146 Escadas subindo para as enfermarias geraes.</p> <p>147 Portarias para receber o comer.</p> <p>148 Casa de passagem para o comer das mulheres.</p> <p>149 Escada por onde vem da cosinha o comer.</p> <p>150 Area da cosinha.</p> <p>151 Fogão.</p> <p>152 Casa da lenha para aquecer agua para os banhos.</p> <p>153 Passagem para a casa da agua dos banhos.</p> <p>154 Casa dita da mesma agua.</p> <p>155 Casa dos banhos das doidas.</p> <p>156 Rouparia das ditas.</p> <p>157 Convalescença das ditas.</p> <p>158 Casas das doidas.</p> <p>159 Casa da enfermeira das ditas.</p> <p>160 Casa da ajudanta.</p> <p>161 Passagem para as tribunas.</p> <p>162 Casa com tribuna, e para o orgão.</p> <p>163 Escada para a casa do orgão, e tribunas, e casa dos ornamentos da igreja.</p> <p>164 Casa de ornamentos, ou da conferencia d'alguma irmandade pertencente á igreja.</p> <p>165 Refeitório das enfermeiras.</p> <p>166 Cosinha.</p> <p>167 Dispensa.</p> <p>168 Casa de guardar os pannos do refeitório.</p> <p>169 Escadas descendo ao jardim, e casa da lenha.</p> <p>170 Casa de lavor.</p> <p>171 Dormitorios das enfermeiras.</p> <p>172 Escada que sobe ás tribunas.</p> <p>173 Sumidoiros.</p> <p>174 Escadas subindo para outro dormitório.</p> <p>175 Dormitório das mulheres e serventes.</p> <p>176 Rouparia.</p> <p>177 Casa da porteira.</p> <p>178 Portaria das mulheres.</p> <p>179 Casas para assistirem de noite as enfermeiras ás doentes.</p> <p>180 Casas para os enfermeiros assistirem de noite aos enfermos.</p> <p>181 Commodos de um cirurgião.</p> <p>182 Commodos de outro cirurgião.</p> <p>183 Escada de serventia para os ditos commodos.</p> <p>184 Commodo de outro cirurgião.</p> <p>185 Escada com serventia para o dito commodo.</p> <p>Continua.</p> |
|--|---|